JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR
ANO **4** • NÚMERO **25** • **JUNHO 2025**

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

Ao chegarmos ao final de mais um ano letivo, é com o coração cheio que vos dirijo estas palavras. Mais do que uma simples despedida de ciclo, este momento é uma oportunidade para refletirmos sobre tudo o que vivemos juntos — os desafios superados, os conhecimentos partilhados, os laços reforçados. A USG não é apenas um espaço de aprendizagem — é, acima de tudo, um lugar de encontro, de afeto, de crescimento pessoal e coletivo. Em cada aula, passeio, tertúlia ou atividade, sentimos que o saber não tem idade, e que o convívio é um ingrediente essencial para o bem-estar de todos nós.

Este ano letivo trouxe consigo novas experiências, momentos de alegria e também alguns obstáculos — mas enfrentámo-los sempre com coragem e entreajuda. E isso mostra a força desta comunidade: solidária, empenhada, viva. Quero, por isso, agradecer profundamente a cada aluno, professor, colaborador e voluntário que dá vida a esta Universidade. A vossa entrega, o vosso entusiasmo e a vossa amizade são o que torna este projeto tão especial e tão inspirador. Aproveitem o merecido descanso das férias, renovem energias e preparem-se para um novo ano que trará, com certeza, mais aprendizagens e novos desafios — que enfrentaremos, como sempre, juntos.

Com estima e amizade

Encontros com a Literatura

— Maria José Moura de Castro

Colegas, amigos, amantes das palavras e das histórias,

Encontrarmo-nos com a Literatura é, na verdade, muito mais do que encontrarmo-nos com os livros. É ir além da leitura. É partir à descoberta. É conhecer lugares. Ganhar amigos. Ganhar palavras. É saborear a nossa gastronomia, descobrir um filme, uma exposição, uma curiosidade qualquer. É, no fundo, ganhar vida.

Este ano, esse encontro teve um sabor especial. Encontrámo-nos com mulheres memoráveis da literatura portuguesa. Mulheres que deixaram marcas profundas na nossa identidade e que continuam a inspirar gerações.

Falamos da nossa menina do mar, Sophia de Mello Breyner Andresen, cuja poesia nos leva sempre a respirar mais fundo.

Da apaixonada e inquieta poeta Florbela Espanca, que escreveu com a alma aberta em cada verso.

Da sibila Agustina Bessa-Luís, de olhar penetrante e pensamento ousado.

De Maria Judite de Carvalho, mestre da introspeção e do silêncio cheio de significado.

E da avó de todos nós, a querida Alice Vieira, com a sua gargalhada contagiante e os livros que nos embalam o coração.

E como este foi também o ano do bicentenário de um dos maiores génios da nossa literatura — Camilo Castelo Branco — não podíamos deixar de o recordar e de o celebrar.

Mas não quisemos apenas ler os seus livros. Fomos mais longe. Mergulhámos nas suas vidas.

Quisemos senti-los de perto, caminhar por onde eles caminharam, conhecer as suas casas, contactar quem os conheceu ou os estudou. Quando possível, provámos o que eles provaram, sentámo-nos à mesa da sua terra, ouvimos a sua língua, os seus silêncios, os seus risos.

Fomos à fonte.

A nossa Sophia levou-nos à casa dos Andresen, no Porto.

A Agustina, à sua Vila Meã, onde o tempo parece pensar.

A Alice Vieira levou-nos à Florbela Pâtisserie e aos Retratos Contados, guiados por Nelson Mateus.

E o nosso Camilo, claro, levou-nos a S. Miguel de Seide, onde ainda ecoam as suas dores e os seus amores.

Viajámos no tempo, a cavalo dos livros. E o nosso olhar cresceu. Cresceu a sede de saber, de sentir, de viver. Porque encontrarmo-nos com a Literatura é, acima de tudo, encontrarmo-nos connosco próprios.

A Aranha e o Negócio

— Diamantino Torres

A musa doméstica anda para cima, para baixo e para os lados, na superfície envidraçada da marquise que encerra a varanda.

A mosca enquanto rasa as teias de aranha, numa marcha suicida, por breves instantes, esfrega com as patas a cabeça e as asas aparentemente indiferente ao perigo de morte. Por vezes toca ao de leve na teia o que aciona a atenção das aranhas. São várias, de vários tamanhos, deslocando-se rapidamente na tentativa de caçar o alimento. As presas mortas: vespas, moscas, abelhas estão mumificadas, suspensas nas teias, envoltas em seda de aranha.

A varanda, nas traseiras do apartamento, tem vistas para um campo orlado por várias árvores principalmente carvalhos e eucaliptos. Na primavera o campo é uma paleta de cores onde predominam ervas, com várias tonalidades de verde e flores, amarelas, castanhas e roxas.

O inseto voador quer “ furar “ o vidro na ânsia de atingir o espaço exterior. Esvoaça e ao tocar na teia, na armadilha é imediatamente manietada e envolvida em seda de aranha. Ainda luta, no início, mas esforço inglório em poucos segundos é imobilizada e pronta a alimentar a predadora aranha.

Na principal avenida da cidade encontram-se as agências bancárias. Uma mulher, na casa dos quarenta anos, acompanhada pela filha, sobe o longo passeio que ladeia a avenida. Árvores, de folha caduca, dão aquela artéria uma frescura que atenua os efeitos do sol, de um verão, impiedoso.

- Mãe, mais devagar, estou cansada! - exclama a rapariga, adolescente.

- Temos que nos apressar, o banco fecha dentro de uma hora, depois descansas! - diz a mãe

A mulher enverga um vestido azul, muito simples e calça umas sapatilhas já muito gastas. Trás uma bolsa a tiracolo, de cor castanha, onde guarda documentos, cartões e algum dinheiro.

A filha, adolescente, traja uns jeans muito aderentes ao corpo e uma camisa onde está estampada uma bicicleta de corrida. A roupa, justa, evidencia as formas muito femininas da jovem o que faz despertar os olhares de alguns rapazes que com ela se cruzam.

- Chegamos, diz a mãe, é este o banco.

A montra, do banco, é de um tamanho considerável.

Várias pessoas formam fila, esperando a sua vez, para fazerem movimentos na máquina multibanco colocada, na montra, no lado exterior da agência. Vários cartazes publicitários estão suspensos, na parte interior da montra, mas visíveis do exterior.

- “ Já escolheu a casa dos seus sonhos? Nós ajudamos a transformar sonhos em realidade! Fale connosco!”-

- “ Pense no ambiente! Vá ao volante do futuro num carro elétrico! Agora com ajuda do Estado.”-

Eram estes os slogans nos apelativos cartazes.

Mãe e filha entram na agência. Deslocam-se à máquina que irá emitir a senha de presença que as encaminhará para o competente funcionário; Pressionam a tecla crédito e sai a respetiva senha numerada. Confrontam o número que têm com o que está no écran e constatam que têm cinco clientes à frente. Terão que aguardar, pela sua vez, permanecendo de pé porque já não há cadeiras disponíveis para tantos clientes. Alguns verbalizam o seu descontentamento: - Estou aqui há uma hora e nada! São lucros de milhões e sempre a diminuir aos funcionários!

Outros clientes entram, bufam, fazem má cara e saem. Um cliente, mais idoso, diz: - Não percebo nada de computadores! Eu não sou criado deles!

Os empregados, poucos, de rosto tenso e fechado dão ares de cansaço. Outros desabafam que não conseguem fazer melhor pois são cada vez menos. Um funcionário, mais velho, diz mesmo: - são reformas antecipadas; rescisões por mútuo acordo e os que ficam vêm o trabalho a duplicar. Alguns não aguentam adoecem e ficam de baixa.

Após uma longa espera a mulher e a filha lá são encaminhadas para o local de atendimento. São várias secretárias, seguidas, cada uma separada por um biombo. Recebe-as um funcionário que se apresenta e esboça um sorriso nervoso. É um homem na casa dos 30 anos já com alguma calvície e de estatura mediana. Apesar de não ser obeso evidencia uma barriga indisfarçável.

A mulher, cliente de poucos recursos financeiros, assalariada, diz ao que vem: - senhor, pretendo uma simulação para um crédito pessoal! - Para que finalidade? pergunta o bancário. Ao que a mulher responde: - para obras na habitação. A casa tem dois quartos e preciso de transformar um quarto em dois quartos. Tenho dois filhos, um rapaz e uma rapariga, eles crescem e não dá para habitarem, os dois, o mesmo quarto.

Entretanto, analisados os documentos de identificação e de rendimentos o funcionário informa que além do contrato de mútuo são necessárias garantias pessoais, uma fiança. A mulher questiona: - O que é uma fiança? Fiador é alguém idóneo com capacidade financeira que em caso da senhora incumprir responderá pelo cumprimento da obrigação, diz o bancário e continua: Terá que subscrever um cartão de crédito; domiciliar o vencimento; aderir ao débito direto para pagamento dos serviços domésticos e contratação de um seguro de vida. Mas, tem que ser proposto e só depois lhe comunicarei a decisão. Conte com resposta dentro de três dias

Passados três dias a mulher, agora sozinha, dirige-se ao banco. Passada a tortura da espera senta-se para

ouvir a decisão,

- Minha senhora para o montante pretendido os seus recursos são insuficientes, no entanto se nos comprar uma televisão ou um computador a aprovação poderá ser agilizada.

A mulher, irritada, diz: - então os rendimentos são insuficientes e com um televisor já dá! Isto não faz sentido. Vocês são um banco ou uma loja de eletrodomésticos? Eu tenho necessidade é de dinheiro para as obras! Televisão já eu tenho! Não preciso!- Quem diz o televisor diz um computador ou uma caneta Mont Blanc, afirma o funcionário.

A mulher, a precisar de dinheiro, vergada pela necessidade, diz: eu consigo pagar o crédito, mas as compras que me propõem não me interessam.

Alguém, ao lado, que conhece a mulher e é detentor de um grande património, diz: a mim nunca me tentaram impingir televisores, nem computadores, nem canetas, nem ourivesaria e sabem porquê? Porque eu não necessito do banco para nada! Vocês só pressionam quem precisa do dinheiro como de pão para a boca. Qual é o modelo do televisor? diga! Ok custa aqui no banco, 1.300 euros! Deixa ver: olha no comércio custa 1.100 euros! Aqui é mais caro!

A mulher recusou o crédito. O homem rico que conheceu o pai da necessitada e sabia da honradez daquela família, disse-lhe: eu empresto-lhe o dinheiro e a senhora paga-me os juros do montante, tal e qual como o banco me paga pelos meus depósitos. E não se preocupe que eles pelos depósitos pagam pouco.

Obrigado, disse a mulher! O senhor não se vai arrepender. O homem já muito idoso faleceu passados 6 meses. A mulher, séria, foi ter com os herdeiros e contou-lhes o sucedido; que o falecido era credor e que ela só queria saber a quem iria continuar a pagar.

Tudo se resolveu.

O Mundo inteiro num gelado

— Etelvina Ferreira

Sentaram-se as duas num banco do Jardim do Passeio Alegre, com vista para o coreto, depois de terem passado no Chalé Suíço. Era um daqueles domingos em que o mundo parecia estar suspenso num raio de sol. A mãe equilibrava um copo de gelado de morango e pistácio, a criança uma bola generosa de chocolate que já ia escorrendo pelos dedos.

Foi aí que começaram as perguntas:

- Achas que os gelados ficam tristes, quando derretem?

"Talvez... talvez eles sonhassem em ser comidos felizes e não escorrer pela camisola nova", disse a mãe com um sorriso rasgado.

A criança olhou para a t-shirt manchada e suspirou.

- Esta já era. Diz à avó que foi um acidente químico. Mãe, porque é que o gelado derrete?

A mãe ainda titubeou uma resposta científica, "por causa do calor e da composição do gelado", mas não chegou ao fim da frase.

- E o que é que tem o calor? Por que é que o calor não derrete as árvores?

Boa pergunta. A mãe exitou, ficou muda, mas a criança não.

- E porque é que as árvores não comem gelado? Achas que se elas tivessem bocas também gostavam de chocolate?

A mãe deu uma gargalhada, limpando-lhe a cara com um guardanapo já meio pegajoso. "Talvez gostassem de sabores com frutos, como amora, frutos silvestres, ou limão", arriscou.

- E as formigas? Elas gostam de gelado?

Olhou para o chão e viu uma, a poucos milímetros do dedo grande do pé, debatendo-se com uma migalha minúscula.

- Achas que as formigas falam entre si, como nós?

A mãe ia responder que sim, "Com certeza tinham lá o seu modo de comunicar", quando a criança se antecipou:

- Se calhar dizem: "Ei Maria Formiga, aqui há gelado de chocolate! Traz os teus filhos!"

Quantos filhos têm as formigas, mãe?

A bola de chocolate decrescia na mesma medida em que o sol avançava. A mãe, meio vencida pela intensidade das perguntas, mastigava o pistácio em silêncio. No entanto, a criança ainda estava só a começar.

- Mãe, tu quando eras pequenina de que sabor gostavas? Existia sabor a arco-íris? Sabes como se faz o sabor a arco-íris?

A mãe, mais parecida a uma das estátuas do jardim, uma enciclopédia prestes a explodir, com a cabeça feita num oito, mas de coração cheio, aguentava serenamente a investida das perguntas em catadupa. Em cada pergunta cabia um mundo, e sentada naquele banco, com o gelado a escorrer pelos dedos, ela estava a viajar no tempo, a ser puxada novamente para a sua própria infância, um tempo em que o mundo ainda era leve, e tudo – mesmo tudo – podia ser perguntado.

Finalmente, quando já não havia gelado, mas apenas guardanapos ensopados e sorrisos pegajosos, a criança olhou a mãe nos olhos e fez a pergunta final:

- Mãe...e se o mundo inteiro fosse feito de gelado?

A mãe não soube responder. Apenas disse: "Se fosse, era contigo que eu o comia, mas com um babete maior".

À procura de Deus?

— Lino de Castro

Lançado em Dezembro de 2021, as câmaras fotográficas do Telescópio Espacial James Webb conseguem ver fundo no Espaço, até cerca de 13,2 mil milhões de anos-luz de distância, ou seja, até igual tempo passado, se convertido e igualado cada ano-luz de distância em um ano cronológico medido na Terra. Poder-se-á dizer que o James Webb consegue 'ver quase até ao(s) início(s) do(s) tempo(s) -13,8 mm., supõe-se.

Contudo, sempre afirmando a sua curiosidade, o ser humano persistindo na sua constante ânsia de saber mais do que já conhece, é um questionador permanentemente insatisfeito, tem em preparação um novo 'espião infiltrado no Espaço que quase com igual profundidade no Tempo Passado, o citado James Webb e o antecedente deste, o Hubble, consiga perceber melhor as origens, a génese do Universo, mas este com a capacidade de um olhar de campo de grande magnitude, muito maior num espectro mais alargado e contextual do Espaço, que irá perscrutar.

Este novo telescópio, nomeado Nancy Grace Roman (foi também a 'mãe' do Hubble), ou simplesmente Roman, será estacionado num dos Pontos Lagrange, isto é, a cerca de 1,3 milhões de Km da Terra, espaços/pontos estes onde as gravidades da Terra e do Sol se anulam, ou equilibram mutuamente, permitindo que os objetos aí presentes circulem/permaneçam em torno desse ponto, invisível, porque apenas enquanto valor matemático existe, tal como se estivessem a orbitar um corpo sólido, como se esse ponto fosse um planeta.

Estima-se o lançamento espacial do Roman para Maio de 2027. Este telescópio será capaz de olhar para um espectro de céu cem vezes maior do que aquele que os seus irmãos mais velhos, mormente o J. Webb, conseguem (colocados eles também em outros pontos Lagrange). O custo financeiro deste observador espacial está avaliado em valor aproximado ao atribuído à nossa Defesa Nacional, forças armadas, no Orçamento para 2024.

É óbvio que o custo astronómico deste telescópio, dos Estados Unidos, capacitado com o seus/nossos olhos humanos/científicos, pretende ver e perceber muito e mais do que o Homem já sabe ou conhece do Espaço sideral, como sejam: novas observações de exo planetas, são mais de 5.500 os que desde 1993 foram já catalogados; planetas que orbitam outras estrelas; novos estudos sobre a estrutura da Via Láctea; sobre a força misteriosa e invisível que faz com que o Universo se expanda continuamente e a um ritmo crescentemente acelerado (expansão essa teorizada primeiramente em 1929 por Edwin Hubble), bem assim acerca da origem ou da natureza dessa força que alimenta tal expansão (teoria pensada esta, da existência de uma energia escura, proposta pelos especialistas em 1998); a investigação da química das atmosferas dos planetas, com especial incidência na procura do elemento metano, procurando sinais de atividade orgânica, de vida; etc, etc.

Desde há cerca de sete décadas o Homem procura conhecer mais e mais além de e em profundidade o Espaço em que se vê 'mergulhado', e nele se sente cada vez mais como um grão de areia, pela gravidade agarrado a um calhau continuamente rotativo e viajante para... nenhures, destino não conhecido. Consciente disso, da sua limitada capacidade para fisicamente se desprender do íman que o prende na sua Gaia-habitáculo, o Homem tem desenvolvido esforços técnico-científicos de navegação no Espaço, perseguindo a explicação ou explicações plausíveis pelas quais entenda qual é o seu lugar relativo (e importância e valor, quiçá) no imensurável oceano sideral que o rodeia, e envolve.

Concebendo e manipulando tecnologia semiautónoma, por si construída, o Homem de hoje persiste na senda que percebe ser cada vez mais extensa, larga e profunda, da razão de ser, da origem de tudo o que vê, sente, ou intui, qual polícia perseguindo um larápio que aparentemente e continuamente lhe foge à aproximação, pedalando uma imaginária bicicleta cujo sinal de existência e presença afastada é o seu farolim traseiro, de luz parda

e esmaecida, tendencialmente infravermelha.

Presentemente ele crê que consegue ver' até 96% da extensão do espaço de fuga do farolim, crê que estará apenas à distância de 4 Km dos 100 tidos como limite do Espaço. Do ponto

Zero? Da Origem?

Justo será enaltecer os esforços mentais, as cogitações do Homem desde os avitos Sumérios e os ancestrais Gregos até ao científico e tecnológico contemporâneo na sua perseverante busca do conhecimento da Origem, talvez da Génese do Universo.

Pergunta antecedente à última que se fará: para além dos 13,8 m. de anos-luz de distância, haverá uma qualquer outra extensão, dimensão de quarta, quinta, sexta ordem que o Homem não imagina, não lhe parece que exista? Mais além? Diferente? Ou, não havendo, não existindo realmente, sendo aí/lá a fronteira/Início do(s) Tempo(s)/Universo, quem (ou o que) o Homem poderá ver e encontrar, esta é a derradeira questão: o Deus da religião, ou religiões, o omnímodo de todos os modos e géneros, o omnipotente ilimitado, sem restrições? ou ... algum arquiteto, engenheiro e ou biólogo, provavelmente ainda no ativo, criador (não pedindo ao Homem aplausos ou sacrifícios em homenagem à sua 'pessoa' e obra)?

Qual deles: o primeiro, recebendo a visita, e a reverência, do seu Criado; ou o segundo, rececionando um Ser que aprendeu a voar para além das nuvens, até ao Espaço intermundos, a manipular a fissão ou a fusão de núcleos da matéria (capaz, até, de destruir completa e irrecuperavelmente o seu calhau de residência, de onde partiu), criador também de uma inteligência substanciada em matéria, paralela ou semelhante à sua própria, um semideus? Quem, qual deles, ou outrem, o Homem encontrará?

Serão os nossos bisnetos, ou os netos, a obter a resposta à pergunta que fazemos há milénios?

Sentir

— Milú Almeida

Sentir o teu beijo e o gosto
da média luz que segura
um sorriso de mansinho,
a nossa alma aberta,
a influência da hora,
e o sumo que não se arreda,
quando a carícia demora ...

Sucumbo ao teu toque
quando a presença arrepia,
o perfume enlouquece,
o coração acelera,
e o abraço é ponto de pérola
que se cruza no desejo
de sentir o teu beijo e o gosto ...

Nostalgia

— Etelvina Ferreira

É quando a luz desce em tons dourados,
envolvendo as nuvens de algodão,
brilhando num casal de namorados,
e, nas dunas, compõe uma canção.

É quando a lua chega vagarosa,
e o mar se veste, na noite, a festejar.
Cobrindo-se de brilho, escreve em prosa,
cartas de amor, que lê na brisa e ao luar.

É quando as estrelas surgem a poente
semeando sonhos no céu, a cintilar,
e o manto da noite, resplandecente,
envolve o tempo, que passa devagar.

É nesta harmonia de paz e sinfonia
que nasce um sentimento: nostalgia.

Carqueijeira

— Luís Pimenta

Bibliotecas

— João Paulo Pinto

Como templos sagrados, bibliotecas abrigam todas as memórias do mundo

Imagino que as bibliotecas sejam encantadoras até para aqueles que não apreciam a leitura. Por mais simples e pequenas que possam parecer, não adianta, todas elas têm o seu charme, e, claro, o seu cheiro muito próprio. Talvez eu me lembre menos da arquitetura e da dimensão das bibliotecas que já visitei, e bem mais do cheiro, sabem, aquele cheiro de papel acumulado, das prateleiras empoeiradas, dos volumes ali envelhecidos, do peso da história e da tradição. São lugares, por natureza, sagrados, porque acolhem de bom grado preocupações, fantasias e dores humanas.

Também são lugares antiquíssimos, que respondem bem às urgências dos povos e suas culturas: provocam recolhimento, instigam a criatividade, reúnem estudiosos, curiosos e diletantes, promovem encontros fortuitos e intensos, entre os vivos e os mortos.

Desde quando existem, afinal, o que chamamos de páginas de pedra?

"Como templos erguidos para a eternidade, as bibliotecas acolhem todas as vozes do tempo - ecos de civilizações, segredos de eras, sonhos que repousam entre páginas à espera de serem despertados."

De posse desta informação, passei a ficar ainda mais curioso a respeito da história desses monumentos arquitetónicos e culturais imprescindíveis à nossa existência (por mais que haja milhares de pessoas que não tenham essa perceção e que provavelmente jamais tenham entrado numa biblioteca).

Onde fica, aliás, a maior biblioteca do mundo? Nos Estados Unidos, em Washington. A Biblioteca do Congresso (Library of Congress) é a maior em espaço físico e em quantidade de obras no acervo, tendo cerca de 155 milhões de exemplares em mais de 400 idiomas distintos. Uma biblioteca e tanto, esplêndida, imponente.

Porém, a maior biblioteca particular não está na América, e sim em Poona, na Índia. Trata-se da coleção de Osho, líder espiritual indiano falecido em 1990, com cerca de 100 mil volumes. A sua biblioteca de Lao Tzu ocupa uma série de corredores na sua antiga residência - e eu, vejam só, que pensava que o acervo monumental de 30 mil obras do autor italiano Umberto Eco, já fosse uma tara intelectual das mais escandalosas.

Em sentido oposto, qual é a menor biblioteca pública do mundo?

Pequenina mesmo. Uma pequena estrutura amarela instalada em Nova York permite que uma única pessoa ali entre para retirar ou deixar um livro. Com jeitinho, talvez caibam duas pessoas, e no máximo 40 livros em sua estante. A Little Free Library foi montada com resíduos reciclados, assemelha-se a uma cabine telefónica que se destaca por seu amarelo chamativo, resistindo às intervenções climáticas.

Será, então, que o espaço físico realmente importa para a criação e a preservação de uma biblioteca? Porque elas nascem espontaneamente nalgumas prateleiras que temos em nossas casas, ou em cantinhos de praças, comércios e cafeterias, em esquemas colaborativos de leve-um-traga-um, e, de repente, muito vivas, exigem mais acomodações, em escrivaninhas e mochilas, vitrinas protegidas por vidros duplos e cadeados, ou sobre os tapetes do escritório de um poeta um tanto atormentado.

As nossas casas possuem bibliotecas, grandes ou pequenas, e as nossas casas inteiras são a biblioteca, muitas das vezes (tais como as residências de escritores renomados da nossa literatura, agora abertas a visitas). Ou, projetadas para grandes públicos como polos turístico-culturais, são as bibliotecas que se tornam a nossa casa.

Assim, tenho na vida colecionado bibliotecas. Desde as minhas bibliotecas de infância, os alfarrabistas, para onde corria todas as semanas, até as inúmeras bibliotecas, onde me encontrei sentimentalmente, somando aquelas das muitas viagens que fiz, aqui e lá. São um pouco minhas essas bibliotecas, assim como vocês têm as suas. Todos, acho, deveríamos colecionar bibliotecas. Estar dentro delas, senti-las, cheirá-las. Porque esse cheiro, para quem ama livros como nós, não nos abandona nunca. Ele fica, persiste. Nos protege contra a aspereza de uma vida sem alma e sem cultura.

Ótima leitura para vocês, e até a próxima!

Texto a quatro mãos

— Artur, Adelaide, Teresa e Maria Aragão

Às 11h33 de um certo dia dessa semana a tecnologia tinha entrado em greve.

Nada funcionava que dependesse da acção dos electrões.

João e Teresa, duas almas anónimas no turbilhão de gente que habita o Planeta e ambos ao serviço da empresa na qual trabalham, tinham ido, naquele dia, até ao Alto Douro.

O certo é que apenas tinham tido tempo de chegar a Freixo de Espada à Cinta e zás, nada funcionava: internet, telefones, terminais de pagamento automático...

Teresa, com as celulazinhas cinzentas em ebulição, dava asas a especulações e da sua mente saíam já duas ou três teorias que estimulavam, em João, um leve sorriso.

- Tem calma, Teresa. Vais ver que tudo não passa de uma simples avaria.

Teresa repetia:

- Foram os russos num ciberataque. Ou, quem sabe, o Musk a desligar a rede Starlink, chateado pela queda das vendas de Teslas.

- Bem, não sabemos nada. O melhor é esperar.

Entretanto vamos descobrir onde fica o nosso hotel.

As horas sucediam-se. Estavam já instalados no hotel Douro Internacional e a serem alvo das mil atenções dos proprietários, preocupados com o bem-estar daquele casal, assim pensavam eles.

Isto porque, João, aquando do registo tinha assinalado casados. A sua mão estava mais de acordo com o seu coração que ao real estado civil dos dois.

O local era magnífico. Pequenas construções alcandoradas na encosta com o Douro ali a seus pés.

A noite caiu. O jantar delicioso. Teresa, pouco dada a consumir álcool, naquela noite tinha degustado aquele fabuloso vinho de nome “Bons Ares” que ela desconhecia por completo. Tinha ficado a gostar daquele néctar frutado e muito leve, quase feminino.

A conversa prolongou-se. A noite amena e a ausência de qualquer luz artificial despertavam naquelas almas uma paz, uma liberdade e uma sensação de serem os únicos habitantes do Planeta.

João não se tinha poupado a esforços para tranquilizar, mimar e cuidar de Teresa.

Havia anos que se conheciam. Numa intimidade não de corpos, mas de almas.

Nutriam um pelo outro um amor nunca vivido na plenitude da banalidade dos gestos, mas um profundo sentimento que os unia e despertava o sonho e, quem sabe, o desejo. Só eles o podiam verbalizar.

As horas continuavam a suceder-se sem que se apercebessem, tal era a profunda comunhão de espírito entre eles, bebendo-se um ao outro nas palavras trocadas, no abraçar dos corpos, a partir do momento em que Teresa se deixou envolver na naturalidade das coisas e João cruzou os braços à volta da barriga dela.

Rostos encostados e as quatro íris a olhar na mesma direcção sem que a beleza daquele momento de intimidade fosse perturbada, fluindo as palavras que ambos trocavam, apenas e só, no seu mais puro significado.

O que saía das suas bocas era sentido, talvez, como nunca o tinham experienciado.

Os astros estavam alinhados não pela tecnologia, mas pela dinâmica da Natureza, naquela jangada de pedra, isolada do mundo real, sós, conseguiam aperceber-se do sentimento que se apoderava deles e da felicidade a tomar conta dos corpos.

Teresa, acariciou as mãos de João, que continuavam cruzadas sobre o seu ventre.

João, fechou os olhos e deixou-se ficar saboreando aquele idílico momento. Lentamente rodou o corpo ficando com o seu rosto frente a Teresa, acariciou a face, aproximou os seus lábios percorrendo o rosto de Teresa até que as bocam se encontraram brotando palavras em forma de beijos.

Naquele beijo ardente e carinhoso estremeceram os corpos alimentados por um amor puro e verdadeiro.

João disse- porque demoramos tanto?

Teresa, respondeu- tinha medo... de sentir!

ConVida

Encerrámos o ConVida do Ano Letivo 2024/2025 com uma conversa enriquecedora sobre o tema “Da Paróquia à Freguesia”, que nos permitiu revisitar memórias, refletir sobre o presente e projetar o futuro da nossa comunidade.

Tivemos a honra de contar com três convidados muito especiais: o Padre José Manuel Macedo, o nosso aluno Ferreira da Costa, ex-autarca, e António Braz, Presidente da União de Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim.

Festa de Final de Ano

No passado dia 17 de junho, celebrámos o Final do Ano Letivo 2024/25 com grande festa, muita alegria e boa disposição.

A Festa contou com a presença de Luís Filipe Araújo, Presidente da Câmara Municipal de Gondomar, e António Braz, Presidente da União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim.